

Vinte e um anos

Ouço com atenção o que diz o rapaz sentado à minha frente. O bar em que estamos tem o péssimo hábito de deixar as garrafas vazias de cerveja em cima da mesa, como troféus ou lembretes. Tomei as primeiras duas junto com ele – é preciso criar intimidade e segurança, nestas situações. Agora bebo água com gás – é preciso manter-se no controle, nestas situações. Desvio dos cascos de vidro escuro pra olhar em seus olhos, ler suas palavras antes mesmo que as diga.

Nas últimas duas horas, percebo que ele me promoveu de colega de trabalho a oráculo sentimental. Parece confiar nos meus oito ou nove verões a mais como fonte de alguma sabedoria qualquer.

Olho pra ele. Vinte e um anos, idade onde acontece bastante coisa. Parece que foi outro dia, penso. Censuro a mim mesmo, mentalmente: pare de viajar no tempo e preste atenção no que lhe diz este jovem, de camisa xadrez aberta sobre uma camiseta Hering e barba por fazer.

Ele fala pausado. Tem autocrítica suficiente pra saber que vai enrolar a língua se tentar falar rápido, então calcula as frases, planeja as palavras.

Me conta que sofre por uma moça, com quem está há poucos meses. É sua segunda namorada. Henrique empilha elogios à menina: bonita, inteligente, ferosa. Ensina-o muitas coisas, o apóia em suas decisões. Encoraja vãos maiores, ousadas, impetuosidades. Eu vasculho gavetas da memória, remexo arquivos mentais e vou colando rostos e nomes da minha própria trajetória amorosa até formar uma imagem que julgo se aproximar à namorada do Henrique. E fico esperando o “mas” – quando alguém começa a descrever uma pessoa com muitas qualidades, pode esperar que vem um “mas”.

“...mas eu não sei”, diz ele. Antes de terminar a frase, vejo em seus olhos que ele sabe, e sabe muito bem. Dou mais um gole na minha água com gás e deixo que continue. “Não sei. Ela às vezes parece estar em outra, sabe? Anda com uns caras mais velhos, estranhos. Fala de doutrinas e teorias que não entendo, discorre com naturalidade sobre práticas que nem sonho dominar. Fala de lugares que conhece bem, e que me assustam. Expõe sua idéia do meu papel na relação, e me pergunto se estou pronto para cumpri-lo”. Ele me conta que ela diz isso tudo num tom entre faceiro e desafiador, medindo suas reações, tateando, passeando por seus limites. Pensa em terminar o namoro, e a idéia o faz estremecer – tem certeza que jamais encontrará alguém igual a ela. Henrique segura o copo com as duas mãos, tem as sobancelhas arqueadas em angústia, projeta os ombros pra frente, me pede socorro sem dizer uma palavra.

Me inclino na cadeira. Olho pra ele e luto pra separar o que é novidade do que é espelho, flashback. Vejo sua vida inteira estendida na minha frente, como um cigano bebedor de água com gás. Penso na talvez eterna e intransponível diferença de maturidade entre homens e mulheres da mesma idade. Vejo as várias, muitas mesmo, namoradas que virão após essa. As mulheres que ele verá partir, as que ele mandará embora, as que irá pedir pra que fiquem. De joelhos, algumas. Vejo as que o ensinarão coisas, as que aprenderão com ele, as que passarão sem levar ou deixar nada. Tenho mesmo vontade de rir deste rapaz, que ao final do primeiro dia de férias acha que todo o resto do verão não lhe guarda coisa melhor. Vinte e um anos! Vontade de chacoalhá-lo pelos ombros, de dar mesmo uns tabefes no rosto ainda pontilhado de espinhas, apontar a imensidão de longos dias ensolarados que estão por vir, ansiosos para ser saboreados, vividos, conquistados.

Termino minha água com gás e dou-lhe o único conselho possível. Que agarre-se àquela segunda namorada com todas as suas forças. Devote a ela toda sua paixão, e qualquer noção que já possua sobre o amor. Que lute desesperado para não perdê-la, faça esforços, concessões e promessas. Que ao final de todas as tentativas, se desespere, esperneie, chore de soluçar. Escreva cartas, faça plantão à sua porta, telefone no meio da madrugada. Faça cenas de

ciúmes, envergonhe a si mesmo, até que os amigos intercedam e lhe digam que já chega. Oras, que outro jeito há de aprender? Quem é que enxerga a praia quando a água não da pé?

Levanto e deixo que ele pague minha água com gás. Dou-lhe ainda um conselho final: faça essa barba, rapaz. Dor de cotovelo com dignidade machuca menos.



Por Ney Pereira

casoscronicos@gmail.com